

CELEBRANDO O N.º 50 DA REVISTA *PHILOSOPHICA*

Maria Luísa Ribeiro Ferreira¹

(Professora Catedrática de Filosofia, Universidade de Lisboa)

A *Philosophica* tem habituado os seus leitores a uma publicação regular, pautada pelas normas de rigor, de interesse e de diálogo. Iniciada em Abril de 1993 celebra o seu quinquagésimo número em Novembro de 2017, uma data em que merece ser festejada.

Tal como as pessoas, as revistas têm uma história na qual detectamos constantes, assinalamos variações, salientamos pontos fortes e fracos e, por vezes, deparamos com mudanças radicais. O início da *Philosophica* remonta a uma época de avareza do erário público relativamente a publicações na área das Humanidades. O Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa empenhou-se em demonstrar o erro desta política, dando voz aos seus docentes e colaboradores e divulgando o trabalho dos mesmos na comunidade académica. O veículo privilegiado para concretizar esse desiderato foi a presente revista. E se a linha dominante foi, e é, como seria de esperar, de orientação filosófica, o facto é que desde os primeiros números se estabeleceu uma relação constante com estudiosos de outras áreas.

Ao longo destes vinte e quatro anos a *Philosophica* sofreu modificações – mal seria se tivesse estagnado –, mas manteve acesas três virtudes: o entusiasmo pela filosofia mesmo quando parecia que as dificuldades crescentes abafariam a sua manifestação; a resiliência que impediu desânimos, transformando as dificuldades em reptos; a confiança no público de leitores, apostando no interesse destes pela revista. O que na realidade

¹ luisarife@sapo.pt

aconteceu. Este clima iniciado e fomentado pelo seu primeiro Director, o Prof. Cerqueira Gonçalves, manteve-se firme nos directores, editores e equipas redactoriais que se seguiram.

Logo no primeiro número foram enunciadas orientações que ainda hoje vigoram: a exigência de rigor, a abertura ao diálogo com os diferentes saberes, o acolhimento de posicionamentos e de interesses plurais. Mas ao compararmos este número inicial com outros mais recentes, imediatamente nos apercebemos de um salto qualitativo no encaminhamento para a internacionalização. Na verdade, se nos primórdios dominou a presença de autores nacionais, nos últimos anos intensificou-se a participação de colaboradores estrangeiros. É uma tendência que definitivamente se afirmou a partir do n.º 42, com a rubrica intitulada **Instruções aos Autores**. Nela ficou patente este desejo de implementar a colaboração estrangeira – não só o aviso é significativamente traduzido para inglês, como por ele ficamos cientes do interesse em receber artigos escritos em espanhol, francês, italiano, inglês e alemão. Esta política é particularmente evidente nas saídas mais recentes onde o título temático da revista aparece em inglês, vindo a tradução portuguesa em segundo lugar. Também é significativa a informação de que a *Philosophica* está indexada em diferentes plataformas (ERIH/NSD, CIRC (nível B), Latindex (int), Philosophers Index, Répertoire Bibliographique de la Philosophie, PDCNET, Ohio Link e Dialnet). Deste modo, os colaboradores estrangeiros têm assegurado um reconhecimento internacional que certamente será contabilizado nos seus currículos, verificando-se que os textos publicados na *Philosophica* não só são importantes para a revista como trazem benefício académico para quem nela publica.

Ao traçar a génese da *Philosophica* ao longo destes anos de publicação regular verificamos que embora as Direcções tenham mudado, o rumo traçado pelo seu fundador foi mantido pelas ulteriores Direcções. E é interessante verificar que a amizade e a camaradagem sempre presentes entre os responsáveis da revista se manifestam na manutenção de cargos, transformando-os de reais em honorários. Assim, como reconhecimento dos contributos prestados pelo Prof. Cerqueira Gonçalves, os editores, o Conselho de Redacção e o Conselho Científico exigiram que ele continuasse a ser identificado como Director-Fundador. O mesmo esquema se repetiu com o Director seguinte – o Prof. Leonel Ribeiro dos Santos que até hoje se mantém como Director Honorário, um procedimento que pensamos irá estender-se à actual Directora, a Prof. Adriana Veríssimo Serrão.

Nos três primeiros números verificamos que se privilegiaram artigos soltos, uma opção permanente ao longo da existência da revista. Mas esta abertura à oferta pública foi sempre complementada com números

temáticos, previamente concertados pela equipa redactorial. Ao longo dos cinquenta números publicados contamos treze números livres e trinta e sete subordinados a temas. E a partir do n.º 28 a orientação temática impôs-se definitivamente. Aceitando e acarinhando a diversidade de perspectivas e de problemáticas, nota-se, como seria de esperar numa revista de filosofia, uma abordagem temática predominantemente crítica, na qual a explicitação e exposição dos assuntos alternam com a argumentação, com o diálogo e com o confronto de posicionamentos. No entanto, em casos de mais acentuada controvérsia filosófica, alguns desses textos foram incluídos numa rubrica própria designada como **Debate**. Incluem-se nessa rubrica textos sobre a obra de António Damásio *O Erro de Descartes* (n.º 7, pp. 163-178); sobre Kant e o direito à mentira (n.º 27, pp. 183-196); sobre a relevância da filosofia na sociedade contemporânea (n.º 30, pp. 102-140); sobre o argumento anselmiano (n.º 37, pp. 218-241).

Note-se que, se artigos e ensaios constituem o prato forte da revista, há outros itens que a têm enriquecido e diversificado. Assim, logo no n.º 1, aparece a rubrica **Estado da Questão**, uma presença intermitente mas utilíssima pois com ela somos postos a par do modo como são abordados certos autores e certas temáticas, fornecendo aos investigadores perspectivas determinantes e actuais para orientaram os seus estudos. Assim acontece com Feuerbach no n.º 1, no n.º 2 com Lévinas, no n.º 23 com Espinosa, no n.º 24 com Kant, no n.º 30 com Aristóteles e no n.º 46 com Kirkegaard. No que se refere a temáticas, nos n.ºs 31, 27 e 38 são considerados, respectivamente, a ética kantiana, o ensino da filosofia no Brasil e os livros inacabados de Pessoa. Mais raros são os números monográficos, exclusivamente dedicados a um autor. Pela sua importância e actualidade damos um especial relevo ao número 34, a assinalar os 900 anos de Santo Anselmo, uma jóia oferecida a todos os medievalistas.

Continuando a perspectivizar a revista do ponto de vista de estudiosos e investigadores, afiguram-se-nos igualmente úteis os **Repertórios Bibliográficos** sobre autores portugueses (n.ºs 21, 23, 27), sobre bibliografia kantiana publicada em Portugal e no Brasil (n.º 24), sobre as publicações dos Docentes do Departamento de Filosofia (2002-2007) (n.º 31). Já numa linha de divulgação menos informativa mas mais crítica, assinalamos a importância da rubrica **Recensões**, presente em quase todos os números, bem como das rubricas intituladas **Leituras** e **Notas de Leitura**, nas quais se apresenta um tratamento detalhado de algumas obras relevantes. Inserindo-se nesta política informativa de partilhar com a comunidade filosófica um material que lhe possa ser útil, tem havido empenhamento na tradução de pequenos textos de autores filosóficos, geralmente

enquadrados nas diferentes investigações em curso no Departamento de Filosofia². Surge deste modo a rubrica **Documentos**, na qual se publicaram traduções rigorosas para a língua portuguesa de documentos tão interessantes como “A Europa e a Filosofia Alemã de Martin Heidegger” (n.º 13, pp. 111-123); “A Tragédia da Cultura de Ernst Cassirer” (n.º 23, pp. 137-158); “Carta do Monte Ventoso” de Francisco Petrarca (n.º 29, pp. 145-154); “A Ritmanálise” de Gaston Bachelard (n.º 31, pp. 166-174). “Merleau-Ponty e a Natureza” de Renaud Barbaras (n.º 43, pp. 149-165).

Enquanto testemunho da pesquisa realizada por docentes, investigadores e alunos de Filosofia, a secção **Dissertações** dá conta do constante trabalho académico que se desenvolve no Departamento de Filosofia da FLUL pondo o corpo docente e discente a par das provas que nele ocorrem, num permanente estímulo para quem se propõe seguir uma carreira. E é de louvar a instituição do **Prémio Joaquim Cerqueira Gonçalves** (publicitado a partir do n.º 41) visando recompensar os trabalhos que mais se distinguiram entre alunos da licenciatura.

Memória e Perspectiva é uma rubrica que se insere na linha de recordação de eventos marcantes, alertando simultaneamente para acções de formação, debates, programas e colóquios, susceptíveis de interessar a comunidade filosófica. Presente nos doze primeiros números da revista, este item reapareceu esporadicamente no n.º 39, sob a designação **Notícias de Colóquios**. Esperamos que volte de novo, pois é importante partilhar a informação sobre os diferentes eventos em que a comunidade académica se pode encontrar e defrontar, estimulando-se deste modo a tão necessária prática do diálogo.

Tal como as pessoas as revistas possuem uma memória que é gratificante visitar. Ao percorrer estes cinquenta números da *Philosophica* revivemos situações difíceis mas também episódios divertidos; recordámos pessoas que seguiram outros rumos, congratulámo-nos com quem encontrou outras saídas, lamentámos os desencontros, regozijámo-nos com as amizades construídas, chorámos aqueles e aquelas que nos deixaram definitivamente.

A concluir esta leitura que nos pediram sobre os cinquenta números da revista lembramos o adágio já tão gasto mas nem por isso menos verdadeiro: “*verba volant, scripta manent.*” Pelo poder da palavra escrita a *Philosophica* continua a ser o mais evidente testemunho de que a comunidade dos amigos da filosofia permanece viva, activa e de boa saúde.

² Note-se que a partir do n.º 36 a Revista passa a representar não só o Departamento como também o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.